

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

DANIEL MONTEIRO SILVA JESUS

**PODER, ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DO
MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE (1979-1982)**

GOIÂNIA

2021

DANIEL MONTEIRO SILVA JESUS

**PODER, ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DO
MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE (1979-1982)**

Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em
História pela Pontifícia Universidade Católica de
Goiás - Escola de Formação de Professores e
Humanidades.

Professora Orientadora: Dra. Lucia Helena Rincón Afonso

GOIÂNIA

2021

CIP - Catalogação na Publicação

M184p

MONTEIRO, Daniel

PODER, ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO: A

RECONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

GOIANIENSE (1978-1982) / DANIEL MONTEIRO. --

Goiânia, 2021. 41 f.

Orientadora: Lucia Rincon.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de
Professores e Humanidades, Licenciatura em História, 2021.

1. Movimentos Sociais. 2. Movimento Estudantil Goianiense. 3.
Sujeitos.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Rua 227, Qd. 66, n. 3669 – CEP 74.605-080 | Leste Universitário
Contato: (62) 3946 1686 | historia.pucgoias@yahoo.com.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Cópia da Coordenação de História | Registro ____/2021

Ao segundo dia do mês de Dezembro de 2021, entre 10h30 e 12h00, na Sala 304 da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, ocorreu a solenidade de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) discente **Daniel Monteiro Silva Jesus**, que apresentou a Monografia intitulada:

PODER, ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE (1979-1985)

A Banca foi presidida pelo(a) Profa. Dra. **Lúcia Helena Rincón Afonso** e contou com a avaliação do(a) Prof. Dr. **Maria do E. S. Rosa Cavalcante Ribeiro** e do(a) Profa. Dra. **Sônia Maria Ribeiro dos Santos**.

O(a) discente teve quinze minutos para realizar a apresentação de seu trabalho e, na sequência, os avaliadores tiveram o mesmo tempo para expor as análises do trabalho escrito e ponderar sobre o estudo apresentado pelo(a) candidato(a).

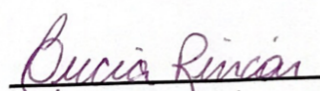
Após as exposições dos(as) avaliadores(as) e comentário do(a) orientador(a), a Banca Avaliadora passou a julgamento em sessão secreta, atribuindo à Monografia os seguintes conceitos:

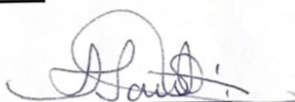
- Avaliador 1 – Profa. Lúcia Helena Rincón Afonso A;
- Avaliador 2 – Profa. Maria do E. S. Rosa Cavalcante Ribeiro: A;
- Orientadora – Profa. Sônia Maria Ribeiro dos Santos: A.

Tendo alcançado a média 10 (dez), o(a) candidato(a) foi considerado(a) **APROVADO** e receberá os títulos de Licenciado(a) em História e Historiador(a), conforme a Lei 14.038, de 17 de Agosto de 2020, após a integralização do Curso.

Goiânia, 02 de Dezembro de 2021.


Orientador(a)


Avaliador(a) 1


Avaliador(a) 2

AGRADECIMENTOS

A todos os meus professores do Ensino Básico, por me inspirarem a seguir o caminho das licenciaturas, fica aqui, mais do que agradecimentos, a minha admiração e carinho pelos profissionais mais importantes para uma nação.

A todos os meus professores de graduação da PUC-Goiás, por fomentarem o pesquisador que vive em mim, e terem contribuído, direto ou indiretamente, para a realização desta pesquisa. Em especial, Aldimar Jacinto Duarte, orientador de Iniciação Científica que, em muito, influenciou a escolha do tema e sob sua orientação construí as bases iniciais desta pesquisa.

A minha orientadora, professora Lucia Rincon, por ter me guiado e auxiliado nesta pesquisa. Atuou como uma amiga, instrutora e lecionadora, enfim, uma orientadora. Sem ela não haveria pesquisa, conseqüentemente, não teria a construção e sistematização do conhecimento aqui estabelecido. A minha profunda admiração e agradecimento por ter sido minha paciente companheira.

As minhas amadas amigas, Isabella Castilho, Gabrielly Leticcya, Juliana Raphaela e Kesia Vieira, foram incentivadoras para a minha permanência na graduação e produção desta pesquisa. Serviram como base de apoio e minhas âncoras, muito obrigado pelo carinho.

Agradeço aos participantes da pesquisa em História Oral Delcimar, Deocleciano, Iraci, Itamar, Paulo, Silvana e Virgílio, obrigado por contribuírem para a construção dessa história, bem como, no passado, lutarem por ela.

Por fim, e mais importante, aos meus pais, Wilson Francisco e Cidelia Alves da Silva, e avó, Edth dos Santos, e outros familiares, sem eles eu não estaria aqui, no sentido de me conceberem a vida e conceberem a realização dos meus sonhos, desde o abrigo de moradia e de sentimental. Nenhum valor monetário poderia retribuir aquilo que foi me dado em forma de carinho e amor.

RESUMO

Os Movimentos Sociais são difíceis de serem estruturados, pois questionam a própria ideia de estrutura. O Movimento Estudantil brasileiro, em específico, se manifestou politicamente em diversos momentos históricos do país. Este trabalho tem por objetivo analisar o poder, atuação e articulação manifestado pelo Movimento Secundarista Goianiense na luta pela reorganização das entidades estudantis, a partir de 1978, quando ocorreu a primeira reunião de estudantes, após a forte perseguição em 1969, até a reconstrução da UMES Goiânia em 1982. Para a construção da pesquisa realizou-se resenhas bibliográficas, como metodologia usou-se técnicas de pesquisa em História Oral para produção e análise das fontes. Se concentrando no campo da História Política. O resultado que se obteve foi 1 hora e 50 minutos de reunião, gravado e armazenado, do qual os Sujeitos, que militaram no período histórico em foco, lembraram dos momentos de lutas, confrontos, conquistas, relacionamentos amorosos e de amizades, que perduram até os dias atuais. Conclui-se que se trata de um Movimento anti-sistêmico que, embora internamente se constituiu de grupos ideologicamente diversos, externamente se mostrou homogêneo, na luta pela Liberdade.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Movimento Estudantil Goianiense; Sujeitos.

ABSTRACT

Social Movements are difficult to structure, as they question the very idea of structure. The Brazilian Student Movement, in particular, manifested itself politically in various historical moments in the country. This work aims to analyze the power, performance and articulation manifested by the Goianiense Secondary Movement in the struggle for the reorganization of student entities, after 1978, when the first meeting of these Subjects took place, after severe persecution in 1969, until the reconstruction of UMES Goiânia in 1982. For the construction of the research, bibliographical reviews were carried out, as a methodology, research techniques in Oral History were used for the production and analysis of sources. Focusing on the field of Political History. The result obtained was 1 hour and 50 minutes of meeting, recorded and stored, from which the Subjects, who worked in the historical period in focus, recalled the moments of struggles, confrontations, conquests, love relationships and friendships, which last until the present day. It is concluded that this is an anti-systemic Movement that, although internally constituted of ideologically diverse groups, externally proved to be homogeneous, in the struggle for Freedom.

Keywords: Social Movements; Goianiense Student Movement; Subjects.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPRE	- Comando de Agitação e Propaganda Revolucionária
ENES	- Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas
FREMES	- Frente de Reorganização do Movimento Secundarista
GRUMALO	- Grupo Revolucionário Unificado Marxista Leninista Ortodoxo
PCB	- Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	- Partido Comunista do Brasil
PT	- Partido dos Trabalhadores
PV	- Partido Verde
UGES	- União Goiana de Estudantes Secundaristas
UMES	- União Municipal de Estudantes Secundaristas
UNE	- União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 MOVIMENTOS SOCIAIS, JUVENTUDES E EDUCAÇÃO	12
1.1 Movimentos Sociais e os Sujeitos militantes	12
1.2 Movimento Estudantil brasileiro e os Sujeitos Secundaristas	16
2 O REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE PELA FALA DAQUELES QUE PARTICIPARAM	21
2.1 A luta pela reorganização e formação da Identidade dos Sujeitos	21
2.3 Exilados, Infiltrados e Alienados	28
CONSIDERAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	32
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista	32
APÊNDICE B - Ordem cronológica	33
APÊNDICE C - Nomes lembrados na reconstrução dessa história	34
APÊNDICE D - Locais lembrados na reconstrução dessa história	35
APÊNDICE E - Colégios lembrados na reconstrução dessa história	36
APÊNDICE F - Sobre os entrevistados	37
APÊNDICE G - Anexo do termo de consentimento	39

INTRODUÇÃO

[...] no meio dessa onda e dessas águas turvas, esse movimento [...] há peixes pequenos, peixes maiores, polvo, tem de tudo, ostras...”. (Delcimar)

O presente trabalho é apresentado como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Licenciatura em História. Se justifica após dois anos de pesquisa em Iniciação Científica com o tema Movimento Sociais e Juventudes, na área de Educação. O tema escolhido para esta pesquisa se liga, em certos aspectos, à pesquisa que vinha sendo elaborada desde 2019/1. Além disso, poucos trabalhos tratam do tema Reestruturação da UMES Goiânia por vias do campo da História Política, e pouco se preocuparam em definir quem era o Sujeito Militante desse Movimento.

O objetivo é analisar o poder, atuação e articulação manifestado pelo Movimento Secundarista Goianienses, na luta pela reorganização das entidades estudantis, a partir de 1978, quando ocorreu a primeira reunião de estudantes, após a forte repressão política em 1969. Para a construção da pesquisa realizou-se resenhas bibliográficas sobre os temas Movimentos Sociais e Movimentos Secundaristas, selecionados na plataforma Google Acadêmico, levando em consideração as bibliografias já lidas pelo pesquisador.

Como metodologia usamos técnicas de pesquisa em História Oral para produção e análise das fontes. Se concentrando no campo da História Política. Para a construção da pesquisa nos reunimos com 7 participantes do Movimento daquele período, via plataforma Microsoft Teams, onde ouvimos, colhemos e dialogamos com os testemunhos. Por meio da plataforma Google Forms, disponibilizamos um termo de consentimento¹, assinado digitalmente pelos entrevistados. Participaram desta pesquisa os Sujeitos que fizeram parte do Movimento Secundarista na luta pela reconstrução das entidades, após 1978. Na ocasião, gravada e armazenada, a ideia inicial era de apenas uma apresentação, mas a reunião se estendeu por aproximadamente 1 hora e 50 minutos, no qual lembraram dos momentos de lutas,

¹ Ver APÊNDICE G.

confrontos, conquistas, relacionamentos amorosos e de amizades, que perduram até os dias atuais.

O problema que guia esta pesquisa é: quem era o Militante nas raízes da luta pela reorganização do Movimento Secundarista Goianiense? Qual era o poder, estrutura, articulação e atuação deste Movimento nesse contexto político de Regime Autoritário? Denotaremos as questões estruturais e organizacionais do Movimento, e os discursos proferidos pelos Sujeitos, isto é, quais eram suas reivindicações e demandas, para então refletirmos sobre a Identidade formada por estes.

Para atender às demandas teóricas da pesquisa, ao discutirmos Movimentos Sociais dialogamos com Maria da Glória Gohn, referência no campo da Ciências Sociais; apoiamos também em Freire, referência no campo da Educação Libertadora, no qual o Movimento Secundarista esteve ideologicamente ligado; para traçar a identidade desses Sujeitos da época, recorreremos a Marília Pontes Sposito (2009), referência ao tratar sobre Juventudes no campo de análise social.

No primeiro capítulo, discutiremos os Movimentos Sociais, o Movimento Secundarista brasileiro e as Juventudes, objetivando resgatar as teorias já construídas no campo das ciências humanas, e caracterizar o Movimento e os seus Sujeitos. Para só então, no segundo capítulo, apresentar e dialogar as fontes da pesquisa, ou seja, os relatos dos que integraram o Movimento pela reorganização, buscando analisar a luta pela reestruturação das entidades, formação da Identidade para o Movimento, suas lutas políticas e conquistas. Partilhamos a teoria-metodológica de Gohn (1997) que, ao propor discutir Movimentos Sociais, o pesquisador deve:

[...] considerar os níveis interno e externo. No interno deve-se pesquisar sua ideologia, seu projeto, sua organização, suas práticas. Externamente deve-se considerar o contexto do cenário sociopolítico e cultural em que se insere, os opositores. (GOHN, 1997, p. 255).

Conclui-se que, mesmo em seu período de clandestinidade e forte perseguição política de direitos civis, o Movimento Secundarista Goianiense ressurgiu e se reorganizou tornando-se atuante, isto é, organizaram, participaram, e por vezes, protagonizaram atos contra medidas, vistas por eles, como repressoras e

retrógradas. Além de atos políticos, o uso da Educação como ferramenta de contra-alienação, entendendo-os como Sujeitos parte do processo histórico, para isso formaram diversos grupos objetivando maior representação de seus ideais, mas se uniram em um Movimento Secundarista que, por sua vez, se uniu a outros Movimentos, (comunitário, sindical e anistia), entorno daquilo que consideraram prioridade em seu determinado contexto: a luta pela Liberdade.

1 MOVIMENTOS SOCIAIS, JUVENTUDES E EDUCAÇÃO

Quando falamos de um Movimento Social composto por Juventudes que buscam políticas públicas para a Educação, torna-se importante a construção teórica do que é Movimento Social, o que constitui um Movimento Estudantil, a Força Política exercida por estes e a identidade formada dentro do Movimento.

Em seu livro *Teorias dos Movimentos Sociais*, Gohn (1997) sistematiza as teorias usadas para o estudo dos Movimentos Sociais na América Latina, entre as décadas de 1960 - 1990, e para constituir um novo paradigma teórico-metodológico específico para o continente, a autora se aproxima do marxismo de gramsci² e a teoria dos Novos Movimentos Sociais³. Já em seu livro *Movimentos sociais na Era Global*, Gohn e Bringel (2012), já com paradigma teórico-metodológico construído, discute sobre os Movimentos Sociais na era da globalização, responsável pela transformação na comunicação e informação, afetando diretamente a atuação desses movimentos.

1.1 Movimentos Sociais

Segundo Gohn (1997), as lentes pelo qual observamos os Movimentos Sociais podem revelar ou ocultar o seu papel na sociedade civil. Até a década de 1980, os Movimentos latino-americanos foram analisados a partir de concepções criadas em outros continentes. De acordo com a autora, os pesquisadores embarcaram nas teorias europeias, por estas serem mais críticas e articuladas à nova esquerda, e fizeram uma exclusão das teorias norte-americanas por serem mais funcionalistas. Um erro, pois os dois pólos teóricos contribuíram um com o outro, e alguns conceitos se difundiram. A teoria europeia mais utilizada foi o paradigma marxista a partir de uma leitura gramscianas que, a partir da década de

² Divergência em relação ao determinismo histórico marxista e ênfase na importância da superestrutura (aspectos religiosos, culturais e ideológicos da sociedade) para a dominação burguesa no capitalismo, e não somente no papel da propriedade privada e dos meios de produção e na relação de exploração que ocorre entre burguesia e proletariado na base ou estrutura.

³ Teoria europeia que contrapõe ao movimento marxista clássico, contudo se encontram dentro da corrente marxista. Abandonaram as análises das contradições urbanas e abraçaram as análises da construção de identidade dos movimentos. Para Gohn (1997), o NMS seria uma classe média com consciência dos problemas sociais gerados pelo capitalismo.

1980, perdeu espaço para a teoria dos Novos Movimentos⁴. Na década de 1990, há uma mudança nos paradigmas por resultado da globalização, que mudou a estrutura política⁵ e trabalhista⁶, parte da política neoliberal.

Os Movimentos Sociais latino-americanos utilizam da pressão e da reivindicação para a conquista de seus objetivos e passam a criar projetos para obtenção de resultados mais imediatos. Após a redemocratização, esses movimentos perderam força social, pois se institucionalizaram, ao mesmo tempo em que o número de ONGS aumentava. Ainda na década de 1990, as ONGs tiveram que lidar com o fim dos investimentos internacionais, advindo de uma crise que se estendeu pela Europa, e passaram a ter que gerar receita própria, iniciou-se uma relação de mercado, e então, se modernizaram e passaram a habitar o mundo do TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação). Para Gohn (1997), as especificidades latino-americanas chegam a um questionamento no campo econômico, contextualizadas em um sistema capitalista do terceiro mundo, responsável por atingir questões sociais. Ex: a marginalização é fruto do próprio capitalismo, que para garantir o barateamento da mão de obra, afasta essas pessoas da oportunidade de emprego e, conseqüentemente, da acumulação de riqueza. Assim surgem os sindicatos, ligados à estrutura estatal, buscam um diálogo entre trabalhadores, empresários e Estado, visando abrandar problemas econômicos e sociais.

Para Gohn (1997), o campo dos Movimentos Sociais e seus Sujeitos não possuem uma só forma ou um conceito único e universal, que pode variar conforme o paradigma teórico-metodológico de cada autor⁷. Compartilho o caminho de partir de com a autora para definir o conceito no qual será fundamentado o trabalho. Os Movimentos Sociais são difíceis de serem teorizados, pois habitam um espaço ainda não consolidado e sem estruturas, se comparado a outras organizações sociais.

⁴ Teoria europeia que contrapõe ao movimento marxista clássico, contudo, se encontram dentro da corrente marxista. Abandonaram as análises das contradições urbanas e abraçaram as análises da construção de identidade dos movimentos. Para Gohn (1997), o NMS seria uma classe média com consciência dos problemas sociais gerados pelo capitalismo.

⁵ O Estado não será tão presente nas limitações territoriais e econômicas.

⁶ Há uma desvalorização da mão de obra humana, advindo de novas tecnologias, isto é, crescimento do trabalho informal e a redução do trabalho formal.

⁷ “Para nós, um paradigma é um conjunto explicativo em que encontramos teorias, conceitos e categorias, de forma que podemos dizer que o paradigma X constrói uma interpretação Y...” (GOHN, 1997, p. 13).

Esses movimentos questionam a própria ideia de estrutura, isso lhes atribui um caráter inovador, “parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão cristalizadas em estruturas, onde a ação é portadora imediata de tessitura relacional da sociedade e do seu sentido” (MELUCCI, 1994 apud BRINGEL; GOHN, 2012, p. 12). Para ser considerado um Movimento Social é preciso estar organizado em um Coletivo Social e dispor de uma Identidade em comum, na qual define-se de onde parte os Sujeitos que compõem o grupo e quais seus objetivos.

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país. (GOHN, 1997, p. 251).

A autora ressalta que nem toda ação fora do espaço institucional se caracteriza como um Movimento Social. Assim, protestos, quebra-quebra, revoluções e outros podem ser ações de Movimentos Sociais, mas não constituem por si só um Movimento. Ao contrário do marxismo clássico, que compreende a Luta de Classes como o eixo que move a história, a autora considera como eixo as Lutas Sociais. “Grande parte dos eixos temáticos básicos dos Movimentos Sociais contemporâneos não diz respeito ao conflito de classes, mas aos conflitos entre atores da sociedade.” (GOHN, 1997, p. 249). Apesar disso, a autora destaca que para surgir um Movimento é preciso uma carência, o que gera uma demanda, e depois se torna uma reivindicação, culminando em Atos. A combinação entre legitimidade, demanda, articulação e organização do grupo fazem parte do que a autora chama de Força Social. Sendo assim, os Movimentos Sociais são parte da força da sociedade civil, ou seja, políticos-sociais.

Os Movimentos Sociais estão ligados à política, seja ligados a partidos, ONGs ou instituições, como por exemplo Movimentos Conservadores Religiosos ligados a instituições religiosas. São unidos por uma pauta criada sobre problemas vivenciados por determinados grupos na sociedade. Os movimentos são constituídos de particularidades e conflitos internos, mas ao transmitirem a sua mensagem passam a ideia de um todo homogêneo. A ação social determina o caráter do Movimento, isto é: a Ideologia, que se caracteriza a partir das crenças e valores que fundamentam as reivindicações; e a Identidade, que existe enquanto

caráter ideológico do Movimento, podendo ser progressista ou conservador. A morte de um Movimento pode acontecer quando há ausência de um projeto ideológico para o grupo, ou então, do grupo para a sociedade. A exemplo da construção ideológica, os Movimentos Utópicos, como Marxismo, se diferenciam dos Sociais pelo objetivo de suas demandas, enquanto o maior objetivo dos Movimentos Utópicos é a reinvenção/transformação da realidade, os Movimentos Sociais tem o objetivo de alcançar, na maioria das vezes, uma política pública. Gohn (1997) considera que é possível constituir duas formas de origem dos Movimentos Sociais: pela classe social, o que ela considera menos concreto, e pelos seus participantes e princípios articulatórios. A autora não considera concreta a classificação dos movimentos por classes sociais, pois na história tivemos movimentos que reuniram agentes sociais de diferentes classes, embora a autora considere possível a divisão entre movimentos de dominados e dominantes. “[...] seja qual for o paradigma teórico-metodológico que se adote, há sempre movimentos sociais dos dominantes e dos dominados.” (GOHN, 1997, p. 256).

Freire acreditava na importante capacidade dos Movimentos Sociais de lutarem contra práticas econômicas, raciais e sexistas, tidos como atos opressores instituídos pela colonização, capitalismo global e outras estruturas. (GIROUX apud STRECK, 2015).

Uma diferenciação importante a se considerar entre os próprios movimentos é o espaço geográfico ocupado por eles. “[...] podem ser rurais ou urbanos, estar restritos a certo país ou a um continente geopolítico mais amplo.” (GOHN, 1997, p. 248).

Internamente, os movimentos organizam seus repertórios, demandas e reivindicações, e então os projetam para o exterior. Externamente, leva-se em conta o contexto sócio-político em que se encontram, incluindo seus opositores. Os Movimentos podem ainda ser informais ou formais, quando surgem, no geral, são informais e com o tempo, por uma necessidade, começam a se organizar, estabelecendo funções dentro do próprio grupo, e assim, se formalizando. Gohn (1997) esclarece que os Movimentos vão e voltam de acordo com o contexto sócio-político, buscando um novo ou reposição do velho. Por exemplo: os Movimentos brasileiros da década de 1970, são contextualizados na ditadura,

surgiram em busca de Liberdade, um direito básico; na década de 1980, foi um contexto de redemocratização, as reivindicações eram pela ampliação da democracia, aumentando usualmente conceitos como Exclusão Social; após a década de 1990, contextualiza-se por um sistema democrático cada vez mais amplo, um cenário político conturbado, com crises, guerras, globalização, abertura econômica da América Latina para o mundo.

De acordo com a autora, passaram a integrar as análises científicas sobre os Movimentos Sociais a crítica ao eurocentrismo e o ocidentalismo, no caso latino-americano, a descolonização do saber⁸. A lente pelo qual deve tratar-se os Movimentos Sociais, amplamente discutido no livro de 1997, não é mais o foco do século XXI, tampouco, buscar uma distinção entre os Antigos e Novos Movimentos, seja aqueles direcionados para os trabalhadores, ou estes com pautas identitárias como gênero, raça e sexualidade.

1.2 Movimento Estudantil brasileiro e os Sujeitos Secundaristas

A categoria Juventudes se torna importante para a pesquisa, uma vez que são eles quem compõem o Movimento Secundarista, a partir disso concordamos com Sposito (2009), ao considerar esta categoria como um ciclo sociocultural, isto é, para além do ciclo biológico, o conceito se insere a uma lógica social e cultural. Mas tampouco desconsideramos a faixa-etária, como um meio de delimitar tal categoria. Compreendendo-os ainda como a representação do que há de mais novo enquanto rompimento com o pensamento tradicional.

Um dos fatores mais importantes desta confusão das oposições entre as juventude de diferentes classes é o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e, de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, “meio-criança, meio adulto [...] os adolescentes são colados durante um tempo relativamente longo, numa idade em que anteriormente eles estariam

⁸ A ideia de descolonização se fundamenta na teoria pós-colonial, onde acredita-se que a América Latina tenha um contexto próprio, consequente da colonização, onde a representação do saber europeu, colonizador, foi considerado como superior em relação aos saberes dos colonizados. Considerando esses acontecimentos como algo que reflete nos dias atuais, e para analisar o contextos/conflitos políticos latino-americanos, precisamos de um paradigma próprio, desvinculado ao dos colonizadores.

trabalhando em posições quase-exteriores ao universo social que define a condição de adolescente.(BOURDIEU apud SPOSITO, 2009, p. 34).

A partir do site oficial da União Nacional dos Estudantes (UNE), traçamos informações históricas do Movimento Secundarista brasileiro. Os primeiros registros de uma união estudantil datam de 1901, com a Federação dos Estudantes Brasileiros, e o primeiro Congresso Nacional de Estudantes, em 1910, ocorrido no estado de São Paulo. O texto publicado na página da UNE, destaca o engajamento nas “principais questões do país”, levantando pautas como: “defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social”. Durante a segunda guerra mundial, o movimento se opôs aos regimes nazi-fascistas, e chegaram a entrar em confronto com movimentos integralistas. Após a Segunda Guerra Mundial, a UNE atuou pela campanha “O Petróleo é nosso”, reivindicando que o governo, diante os primeiros passos da exploração do petróleo brasileiro, não se entregasse à indústria estrangeira. Assim, os movimentos sociais já incomodavam os setores mais conservadores da época.

Mas os conflitos se intensificaram com a ditadura militar (1964-1985), o regime perseguiu, torturou e matou milhares de brasileiros, alguns deles ligados ao partido comunista ou aos movimentos sociais, incluindo o movimento estudantil. Nesse sentido, no dia 31 de março de 1964, os militares metralharam e incendiaram a sede da UNE, na Praia do Flamengo. No mesmo ano, os brasileiros tiveram alguns dos seus direitos democráticos retirados, e o movimento passou a atuar na ilegalidade. Mas segundo a historiadora Angela Müller (2014), foi a partir de 1968 que ocorreram as maiores perseguições, após entrar em vigor o AI-5, que permitiu a violação de direitos constitucionais, proibiu manifestações e permitiu o uso arbitrário da tortura como um instrumento de Estado. “[...] quando a virulenta repressão desbaratou toda a diretoria.” (MÜLLER, 2014, p. 128).

Era comum, naquela época, renomear os Centros e Diretórios estudantis com “Livre” no nome, para diferenciar o período em que atuavam clandestinamente, da atuação diante da abertura política. Em 1978, por diversas vezes os estudantes tentaram se reunir nacionalmente para discutirem os rumos do movimento, mas foram impedidos pela força do Estado que os impediam de sair do próprio estado, para ir aos locais de encontro, em Belo Horizonte e depois São Paulo. Nos anos

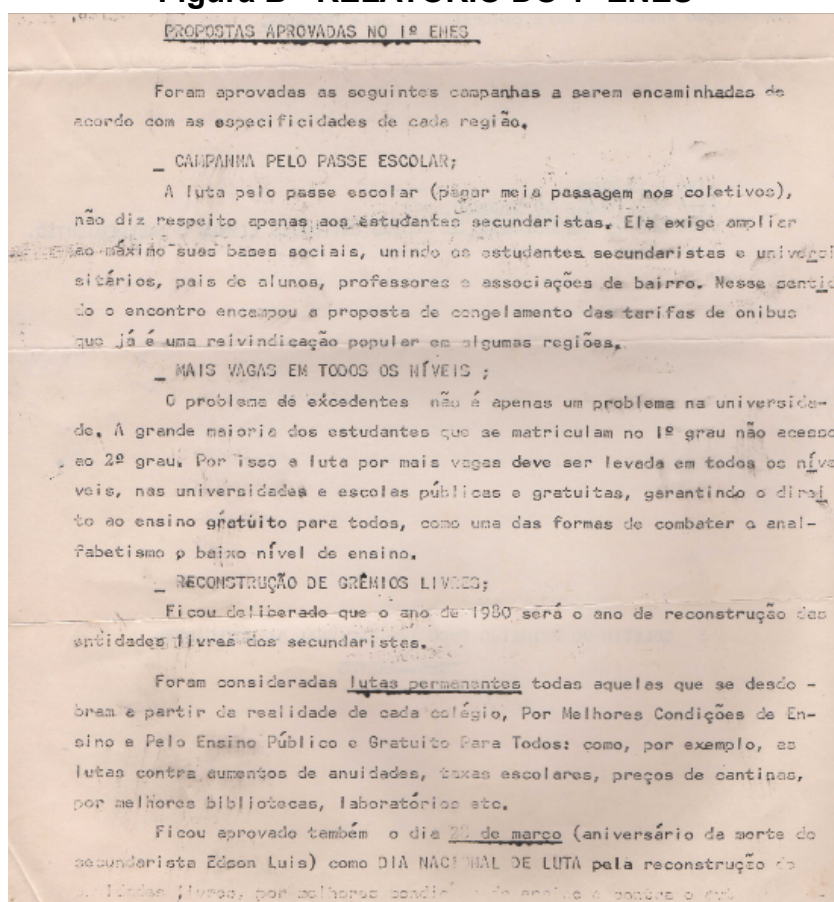
seguintes a 1978, ano da grande greve dos operários, já não haviam cercos tão grandes, quanto os anteriormente registrados. As pautas para além de reconstrução, muito se assemelham as pautas atuais: campanha pelo passe escolar; mais vagas em todos os níveis; reconstrução de grêmios livres e outros. Como podemos ver nas **Figuras A e B** a seguir, o documento, dividido em duas partes, foi fornecido pelos entrevistados, que nos contou sobre uma pasta no Google Drive mantida por eles, contendo diversos documentos escaneados da época:

Figura A - Relatório do 1º ENES

ESTIVERAM PRESENTES REPRESENTANTES DE:	
RIO DE JANEIRO	GOIÁS
Rio de Janeiro	Goiania
Petropolis	MATO GROSSO DO SUL
Nova Iguaçú	Curitiba CAMPO GRANDE
SÃO PAULO	D.F
São Paulo	Brasilia
Bauru	PARANÁ
BAHIA	Curitiba
Salvador	SANTA CATARINA
ALAGOAS	Florianopolis CRICIÚMA
Maceió	ESPIRITO SANTO
PARAIBA	Vitória
João Pessoa	RIO GRANDE DO SUL
PERNAMBUCO	Porto Alegre
Recife - GARANHUNS	MINAS GERAIS
Carpina	Belo Horizonte
CEARÁ	Juiz de Fora
Fortaleza	Montes Claros
PARÁ	São João Del Rei
Belém	ACRE
	RIO BRANCO

Fonte: Documento fornecido pelos entrevistados.

Figura B - RELATÓRIO DO 1º ENES



Fonte: Documento fornecido pelos entrevistados.

O documento trata-se do Relatório do 1º Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas, realizado nos dias 3 e 4 de Novembro de 1979, em Belo Horizonte - MG. A partir da **Figura A**, observa-se a ampla participação de municípios brasileiro, sendo 26 cidades de 16 estados, mais o Distrito Federal, incluindo Goiânia. Isso condiz com o discurso promovido pelo Movimento, que buscava uma mobilização que fosse nacional. Na **Figura B**, é possível observar algumas das propostas que o Congresso trouxe como pautas, como a campanha pela redução do valor da passagem de ônibus para os estudantes, vigente atualmente como Passe-Livre estudantil, que oferece passagem gratuita para estudantes de baixa renda. O 1º ENES, segundo os entrevistados, Goiás formou a maior bancada da reunião. No final da década de 1970, o regime militar se mostrou cada vez mais incapaz de lidar com os desafios da governança política, nesse contexto o movimento estudantil viu a oportunidade de lutarem pela sua reorganização. O Congresso pela Reorganização da UNE aconteceu em 1979, na cidade de Salvador.

A proposta do governo Geisel (1974–79) de abertura ‘lenta, gradual e segura’ do regime permitiu que, aos poucos, as entidades de base, Centros Acadêmicos (CAs) e Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs), fossem reorganizadas. (MÜLLER, 2014, p. 129).

Müller, registra em seu artigo as divisões existentes dentro do próprio Movimento, a medida em que, ao se reunirem para a reorganização da UNE, cada liderança apresentou sua própria proposta. Separados em Diretorias, nem sempre tinham a mesma concepção de democracia ou mesma ideologia, alguns acreditavam em uma revolução a partir da união de diversos setores da sociedade civil, outros acreditavam na revolução socialista e etc. Em 1979, após dirigir provisoriamente a UNE, Ruy César foi eleito na primeira eleição direta da história do movimento. A eleição contou com 5 chapas, algumas delas foram a “Maioria”, que representavam as tendências de direita do movimento; e, os vencedores da eleição, “Mutirão” reuniu as tendências “Caminhando”, “Viração” e “Refazendo” (APML e PCdoB).

Embora os discursos promovido pelo Movimento fossem direcionados a Liberdade e Educação, destaca-se a diversidade presente internamente, sendo constituído por diversos grupos. O Discurso, em Freire, se refere ao ato de codificar o conhecimento, incubindo o receptor de decodificá-lo. Quando o discurso não é decodificado, demonstra a falha na sintonização com a realidade do receptor. O discurso vai além das palavras proferidas e se refere, também, ao ato de agir, pois as palavras sem a prática vira discurso populista ou frases prontas. Dizer a palavra é uma noção importante para entendermos o conceito de discurso em Freire. Para que haja um diálogo é preciso do Outro. Politicamente, o sistema capitalista busca extinguir a palavra e o diálogo, desumanizando os sujeitos e, no máximo, permitindo a repetição do discurso produzido pela classe dominante. Nessa cultura, pensar se torna difícil, e dizer a palavra, por vezes, se torna proibido. Dizer a Palavra significa tomar para si o processo histórico. (BASTOS apud STRECK, 2015).

É nesse sentido que a concepção freiriana de **Poder**, está relacionada com a possibilidade do ser humano ter de participar das decisões históricas, contrapondo a ideia de que o Ser é apenas espectador. Nessa compreensão há dois personagens, onde o que detém o Poder tenta despossuir os demais. Os Movimentos Sociais se destacam por, através do empoderamento, serem atores responsáveis por

mudanças, e assim tornando-se sujeitos com poder. As concepções de Freire são importantes para a construção da pesquisa uma vez que, a análise do discurso que, tanto quanto a prática, é manifestada pelo Movimento, justificadas por suas ideologias concentradas no campo da Educação e luta pela Liberdade e Democracia. Na união entre discurso e prática, observamos na fala de um dos entrevistados, quando relembra o ato de vender o lote, doado de seu pai, para poder investir na impressão e venda do livro *Marxismo Leninismo*. O que revela o caráter anti-capitalista de alguns desses grupos, que formavam o Movimento, tanto na prática, quando faz o uso das próprias finanças para investir no idealismo, quanto por meio das suas falas de base marxista.

2 O REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE PELA FALA DAQUELES QUE PARTICIPARAM

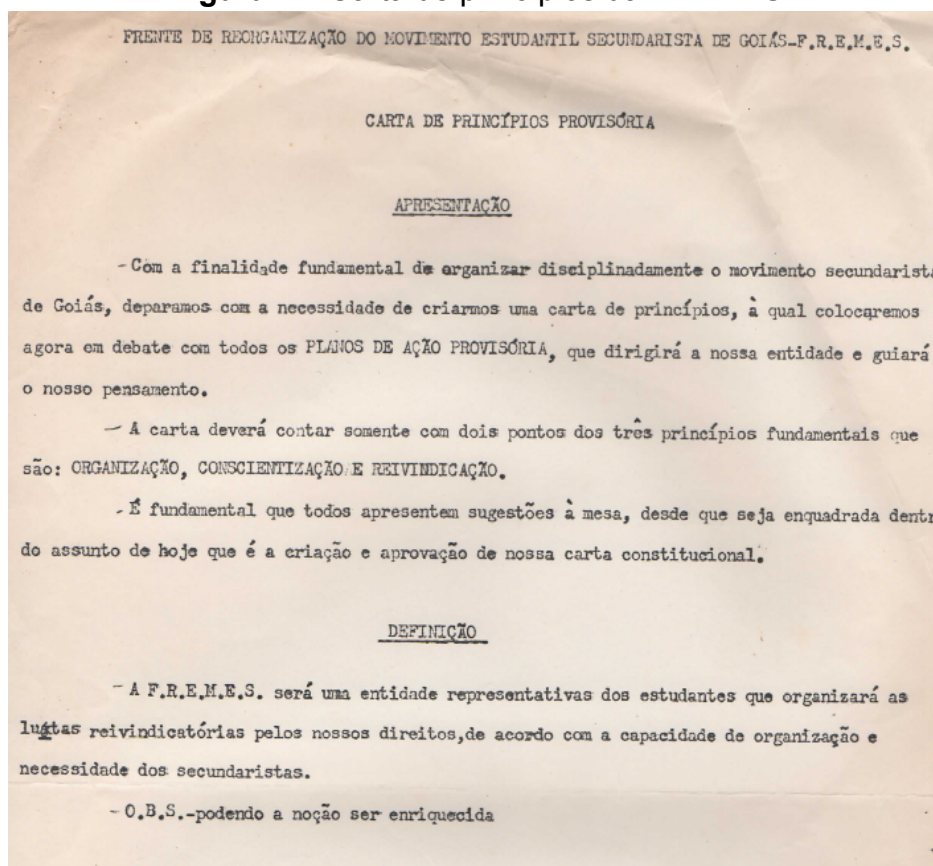
Neste capítulo traça-se a trajetória de Luta Política dos Secundaristas pela reconstrução de entidades e a Formação da Identidade do Novo Movimento, a partir da Técnica em História Oral, realizou-se uma entrevista, dialogada com os referenciais teóricos. Os contatos foram, em um primeiro momento, possibilitado por uma ligação entre a orientadora e os Sujeitos da época, assim, entrou-se em contato com alguns dos entrevistados, que por sua vez, compartilharam outros contatos que também atuaram na época e que estariam dispostos a conceder entrevista.

No dia 14 de Setembro de 2021, nos reunimos, via plataforma Microsoft Teams, com o objetivo de estabelecer o primeiro contato entre investigadores-investigados. Mas ao decorrer do encontro alcançamos interações mais significativas, isto é, animação por parte dos investigados em serem ouvidos. Diante de tal contexto, resolvemos encaminhar para o roteiro de entrevista que havíamos traçado. O que resultou em 1 hora e 50 minutos de gravação em vídeo. Foram no total 7 participantes, outros, devido a confronto de agenda, não puderam participar. Todas as informações, geradas pelos diálogos e debates, foram trabalhados para compor esta pesquisa.

2.1 A luta pela reorganização e formação da Identidade dos Sujeitos

Ao discutir a reorganização do Movimento Secundarista Goianiense, necessariamente, estará discutindo os diferentes grupos que surgiram e fizeram parte dessa luta. “Tinha a FREMES, como um movimento mais aberto, lutar pela criação dos grêmios, lutar contra o aumento das mensalidades, lutar por melhorias nas condições de ensino” (Deocleciano). Essa luta fica claro na **Figura C**, a carta emitida pelo próprio grupo:

Figura C - Carta de princípios da FREMES



Fonte: Documento fornecido pelos entrevistados.

A **Figura C** é uma Carta de Princípios Provisórios, criada para organizar os atos da FREMES, bem como o pensamento que os guiavam. A carta traz a Definição do que é a FREMES, definindo-a como a entidade representativa dos secundaristas; os Regulamentos, que visavam orientar os membros; os Direitos, responsáveis por assegurar a igualdade de participação de todos os membros; e Programação de Ação, para organizar os atos programados.

Um dos entrevistados relata que alguns membros da FREMES voltaram o pensamento para ações mais “ousadas” e, talvez, nem todos os membros soubessem disso, mas foi fundado o CAPRE, entre as ações desse grupo estava a prática de pichações para divulgar “assuntos”.

Na verdade, nós tínhamos algumas frentes de luta, na época de luta do movimento secundarista... tinha a FREMES (Frente de Reorganização do Movimento Secundarista). Esse mesmo grupo secundarista, avaliou que era necessário algumas ações mais ousadas na época, e criou com alguns membros... o CAPRE (Comando de Agitação e Propaganda Revolucionária). (Deocleciano).

Um dos entrevistados descreve a sua experiência pessoal sobre a prática de pichações que, orientado por Fábio Tokarski, saiam à noite para pichar na Avenida Goiás, e não julgava haver problemas em realizar tais práticas próximo a policiais. Esse relato reforça a ideia da falta de experiência e maturidade desses Sujeitos militantes, discutida no tópico anterior. Houve outro grupo ainda mais ousado, mas que se reuniu somente uma vez e se dissolveu, o Grupo Marxista Leninista Ortodoxo (GRUMALO), segundo os entrevistados, apesar do nome do grupo, os membros não sabiam de forma concisa o que era Marxista Leninista Ortodoxo.

Tinha um outro grupo ainda mais ousado, só que ele se reuniu uma vez e depois se dissolveu, o GRUMALO, que a nossa inspiração era o nosso amigo que já faleceu, o Edmundo Galdino. Que era: Grupo Marxista Leninista Ortodoxo, a gente nem sabia o que era Marxista Leninista Ortodoxo, mas a gente falava que era. (Deocleciano).

As reuniões da FREMES aconteciam nas noites de quartas e sábados no DCE da Federal, eram reuniões abertas onde estudavam filosofia, convidaram professores, como: o Professor Izu, para discutirem História; Professor Santana; Professor Silvio Costa. “Um movimento de professores”. Comparado a um grupo de estudos, segundo os relatos, era de certa forma uma “competição” de leitura que gerava inúmeros debates, mas configurado informalmente. “Ninguém naquela época participava do movimento se não soubesse Marx, não estudasse Hegel, não soubesse a dialética da natureza...” (Iraci). As reuniões aconteciam de forma restrita, pois atuavam na ilegalidade, ressalta-se o cuidado com a polícia para a realização dessas reuniões. Os relatos ajudam a explicar que a ditadura criou os Centros Cívicos, mas eles, os militantes, queriam Grêmios Livres. E começaram pelas escolas particulares porque, naquele momento, a gestão dessas eram liberais e apoiavam o movimento estudantil, e depois veio “a grande luta” pelas escolas públicas.

Não desconsidera-se a parte festiva, ao tratar-se de sujeitos de 13-17 anos, namorar, beber etc... é parte intrínseca da vida social. Alguns relatos relembram sobre as suas paixões e que, por vezes, influenciaram de certa maneira suas tendências políticas. A percepção é de que, ainda jovens, eram sujeitos politizados e

que tinham a política como objetivo, assim sendo, a ligação partidária é outra característica, quase que intrínseca à prática desses sujeitos, influenciada a partir da identificação pessoal de cada um com as múltiplas pautas levantadas e referências formadoras. A título de exemplo, da FEMES vieram grupos menores, como: grupos ligados à causa operária; grupo do Jornal Unidade, ligado ao PCB; grupo ligado ao PCdoB; outro grupo trotskista. Esse movimento de surgimento de diversos grupos demonstra o caráter rico e diverso do Movimento de luta pela liberdade e democracia.

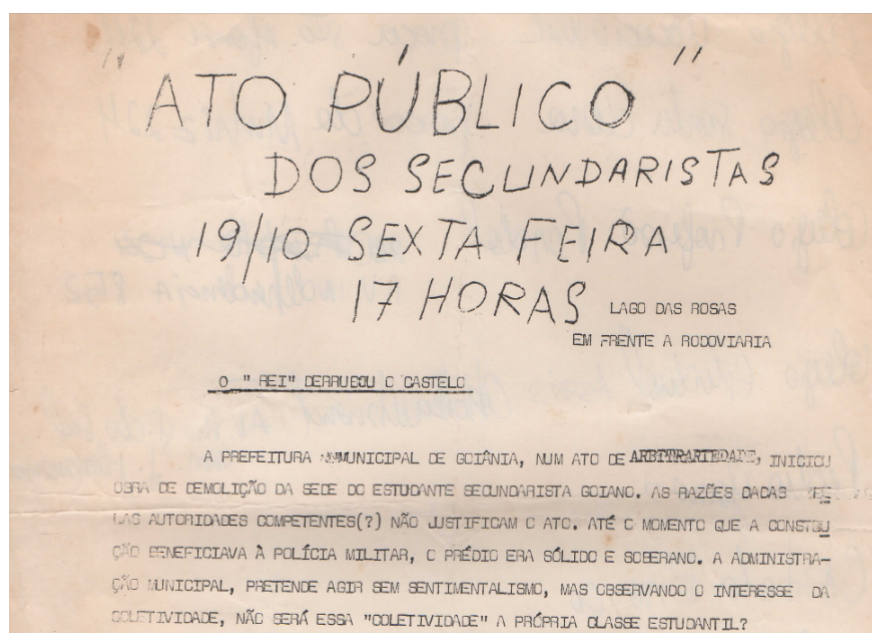
O nosso lema era mudança, nós queríamos liberdade, queríamos democracia, sem saber muito bem o que isso significava, porque a referência que nós tínhamos era a ditadura militar, então nós, nesse momento, nós somos referência maior do que a ditadura fez com a gente. (Iraci).

O contexto de regime autoritário não permitia a mobilização de opositores. Apesar disso, os entrevistados contam que quando surgiam medidas arbitrárias por parte das instituições, era nesse momento que os grupos se uniam em uma força opositora. Estudantes mobilizados levantavam bandeiras específicas, mas também de um todo homogêneo.

De vez em quando, tinha umas medidas arbitrárias dessas instituições, a gente juntava o movimento, ia para lá, mobilizava estudantes, levantava bandeiras específicas, a gente tinha ainda uma inspiração de uma luta mais geral, contra o Regime que ainda era autoritário, um Regime Ditatorial que não permitia que as entidades se mobilizassem. (Deocleciano). A nossa meta era reorganizar a UMES e reorganizar a UGES que era a União Goiana de Estudantes Secundaristas. (Deocleciano).

Os atos iniciais foram na antiga sede da UGES, o Castelinho, uma construção no Lago das Rosas, parque de Goiânia. Mas o governo o destruiu e, por isso, o primeiro ato dos secundaristas “foi nos escombros”. O ato proporcionou a rede de contatos entre aqueles que estavam formando o Novo Movimento Secundarista, e os que formaram o Movimento Secundarista anterior, mais especificamente em 1968, como os citados Santa Cruz e Castro. A **Figura D**, a seguir, exibe a convocação para o ato.

Figura D - Convocação para ato contra a demolição do castelinho



Fonte: Documento fornecido pelos entrevistados.

A **Figura D** é um panfleto para a divulgação e convocação para o ato público dos secundaristas em resposta à demolição do Castelinho. A destruição do principal ponto de encontro do Movimento Secundarista goianiense, representou a tentativa da prefeitura de inibir reuniões, como colocado pelo próprio panfleto, no documento diz: “Convocamos os estudantes e a população que se sinta constrangida com a destruição de sua história para comparecer ao Castelinho sexta-feira (19/10/79), as 17 horas para um ato público em repúdio a esta atitude.”

Ao falarmos sobre esse Movimento, ou os Sujeitos que o compuseram, é indissociável de seu contexto político marcado pelo autoritarismo. Em Freire, o autoritarismo é responsável por inibir, ou reprimir, a capacidade de questionar, tornando os indivíduos passivos e impossibilitando-os de reação. (GHIGGI apud STRECK, 2015). E embora os Sujeitos presenciasse esse contexto, lutaram e

resistiram a tal repressão. Por isso a cidadania, em Freire, deve ser o objetivo da educação, significa ser consciente da sua realidade, seus direitos e deveres para, então, nela atuar. Esse processo permitiria que o sujeito tivesse uma leitura de mundo permitindo a transformação deste. (HERBERT apud STRECK, 2015). A responsabilidade atribuída à Educação ajuda a entender o motivo da organização desses Sujeitos em volta, e em pró, dela.

Da FEMES veio a UMES Goiânia, e para conseguirem avançar, criaram de 10-15 entidades no interior do estado, como São Luís de Montes Belos, Anápolis, Aragarças, Uruaçu e Catalão, para só então reconstruírem a UGES, o que levou de 5-6 anos. As UMES passaram muitos anos sem diretoria, pois no interior a luta para consolidar uma diretoria, era ainda mais complicada e demorada. Nesse sentido vem o ato de “reorganizar”, segundo os relatos, com até um certo destaque na mídia. As eleições diretas para a diretoria da UMES de Goiânia ocorreram em 1980 e foi eleita a gestão de Maria Luiza Amora, um dos relatos faz comparação: “Ela (Maria Luiza) foi eleita com 17 mil votos, naquela época um vereador em Goiânia tinha 2 mil votos.” Ainda segundo os relatos, a gestão de Maria Luiza foi a mais mobilizadora, seguida da gestão do também entrevistado, Delcimar, e depois a de Daniel, sendo que esse não foi entrevistado. Este relato demonstra a força política alcançada pelo movimento, o suficiente para eleger metade da Câmara Municipal de Goiânia, naquela época. Outra demonstração do contexto político de decadência do Regime Militar é lembrada por um dos entrevistados, segundo ele, as eleições de 1982 foram uma grande derrota para o regime. Segundo ele, o regime perdeu as eleições para governador de 22 dos 23 estados. Os governadores vencedores dialogavam com os Movimentos Sociais.

Maria Luiza e Daniel são descritos como pessoas que faziam as coisas acontecerem. Foi nesse contexto de reorganização da UMES que um dos entrevistados conheceu Maria Luiza, que o indicou para ser o presidente do primeiro Grêmio Livre de escola pública, no Colégio Lyceu, em 1980. Para fundarem ali aquele que até hoje é chamado de Grêmio Livre Marco Antonio Dias Batista, os secundaristas fizeram greve geral, convocando alunos de sala em sala, ato que durou 3 dias, com as palavras de ordem: “liberdade [...] porque a diretora é fascista, não permite a liberdade, nós queremos a liberdade dos estudantes.” (Delcimar).

Ainda no ato, fecharam a escola colocando palito de fósforo no cadeado do portão, assim, impossibilitando a entrada de qualquer um que tentasse. A partir das palavras de ordem, percebe-se que o discurso promovido pelos Sujeitos era focado na Liberdade, o que revela o seu caráter anti-sistêmico ao regime ditatorial vigente na época, bem como o uso do termo Fascista para descrever aqueles que se colocavam contrários ao Movimento e pró-governo.

Foi na gestão de Daniel que o movimento voltou-se para a periferia, na Escola Municipal Mônica de Castro Carneiro, no Jardim Novo Mundo; Colégio São Domingos, no Setor Coimbra; e a participação na ocupação do Jardim Nova Esperança, pedindo doações para os ocupantes. Alguns participantes desse ato foram: Roselane, Rosemeire, Amarildo do Jardim América, Elieser; “Gilsin” presidente do Grêmio da Faculdade Anhanguera onde formou-se advogado (já falecido); Miriam, que virou cadeirante após troca de tiro de gangues, era presidente do Centro Cívico do Colégio Mônica de Castro Carneiro e que, inclusive, ganhou medalha olímpica.

Mas, ainda que houvesse reuniões e atos, o Movimento precisava de uma identidade. Nesse contexto, os Secundaristas não tinham noção do que era o Movimento Estudantil. Nesse sentido, uma das entrevistadas recorda de ter interrogado pessoas que tinham participado do Movimento Estudantil no final da década de 1960, mas ressalta que, mesmo assim, o contexto que presenciaram era totalmente diferente, era de abertura política. Os entrevistados recordam de um sentimento que ecoava, a de um futuro melhor e desejo pela revolução que acreditavam, o que, segundo os entrevistados, não conseguiram fazer.

A gente não tinha memória do que era fazer movimento estudantil, e eu lembro de tentar entrevistar quem tinha participado no final dos anos 60, só que era muito diferente... a realidade dos anos 70 para 10 anos antes, como é muito diferente agora. (Silvana).

Surge a busca por referenciais e aproximação com outros três movimentos democráticos: os Movimentos Sindicais, com os motoristas de ônibus e trabalhadores das fábricas, dando apoio madrugando nas garagens e realizando concentrações nas portas das fábricas; O Movimento Comunitário, na ocupação do Jardim Nova Esperança, citado acima; e o Movimento pela Anistia. A medida em que

realizavam aproximação, a rede de contatos do Movimento cresceu, trazendo personagens como Pedro Célio; Edmundo; Marcos Papa; Regina Célia e Célia Regina, gêmeas; Jordaci; Silvana; Lillian; Grafite, participante do DCE, que era representante do Movimento do jornal de circulação nacional Vs; o jornal O Pasquim, ambos tratavam sobre a guerrilha do Araguaia. Outros Jornais também constituíram a luta democrática, como o Jornal Tribuna Operária e o Jornal Hora do Povo.

A partir da análise dos dados pessoais, como a idade na época em que começaram a atuar, quais os pensamentos e sentimentos expressos, e algumas experiências vividas, constatou-se algumas características homogêneas, como: a importância do idealismo para estes Sujeitos, tanto em sua época de secundarista, quanto agora, responsável por influenciar a carreira acadêmica e profissional da maior parte dos entrevistados; a falta de experiência é outra característica, somada a pouca idade dos sujeitos, quando entraram para o movimento, alguns com seus 13-14 anos.

2.3 Exilados, Infiltrados e Alienados

Nessa época, havia ainda o Movimento pela Anistia, que recebia muitos exilados e, em algumas vezes, os abrigavam em suas próprias casas. E também, convidava-os para as reuniões. Movimento este considerado pelos entrevistados como sendo muito rico, pois os exilados traziam consigo histórias e memórias. “Nessa época foi constituído o Comitê Goiano pela Anistia, e nessa época chegava muitos exilados... a gente participava, mobilizava pessoas, cada vez que chegava um exilado, a gente ia no aeroporto, recepcionava...” (Silvana).

Outra figura recordada pelos entrevistados é a do infiltrado, que se refere aos agentes do Estado disfarçados no meio dos manifestantes, às vezes para causar discórdia, às vezes para realizar anotações dos perfis de participantes, e outras vezes para registrar os planejamentos de atos promovidos pelo Movimento. Às vezes os militantes suspeitavam da existência de um infiltrado, o que causava pânico entre os mesmos, pois não sabiam quem era de fato. Um dos relatos descreve o contato com essa figura, quando por diversas vezes os secundaristas viram seus atos cercados pela polícia. Até que em um dos atos, ao serem presos

pela Polícia Federal, um infiltrado no Movimento estava na delegacia e armado. Segundo os relatos, os policiais acreditavam que os participantes do movimento provocariam desordem e usariam bombas, “Uma visão totalmente distorcida do que fazíamos na época (...) o movimento nosso era uma estratégia pela abertura, luta democrática, luta ampla”.

Durante a roda de conversa, os entrevistados deram opiniões sobre o contexto político e as Juventudes atuais, segundo eles, ao contrário de sua época, em que havia esperança, as Juventudes dos dias atuais estão vendo um mundo “se fechando”. Os integrantes do Movimento naquela época não eram adeptos ao individualismo, pelo menos não tanto quanto hoje, como a figura do Alpinista Social. Mencionam ainda que, no contexto de abertura política, houve a promessa de um mundo com “mais sonhos”, no contexto atual, o sentimento é de um mundo com “menos sonhos, com menos pretensões, mais anarcos, mais desiludidos”. Segundo os entrevistados, a geração atual não precisa ser igual a eles, quando acreditavam que a revolução estava próxima, “no mês que vem”, mas o mundo hoje é um lugar “destruído em todos os aspectos” e da “pregação do ódio”.

Surge um novo personagem citado pelos entrevistados, o Alienado que se justifica como um contraponto aos Sujeitos que integravam o Movimento de 1979, descrevendo eles mesmos como estudiosos e antenados, segundo uma das entrevistadas, não havia: “esse processo de alienação, que nós vemos hoje.” Segundo os relatos, toda essa luta contra a opressão revela um esforço para não ser Alienado, tratava-se de pessoas que faziam questão de serem diferentes da “massa”, por meio da luta “Para não ser uma pessoa que fosse ali apertar um parafuso, comer e dormir. A gente fazia isso, mas também tentava mudar o rumo das coisas e tal...”. (Virgílio) O conceito de alienação faz parte das escritas de Freire, onde é possível entendê-la como uma forma de dominação, opressão e mecanismo. Ela representa a perda da condição de sujeito na sociedade e parte do processo histórico. A crítica ressoa ao neoliberalismo por, através da sua política de desumanização e mecanização, frear a capacidade dos sujeitos de se entenderem como parte do processo histórico. (KIELING apud STRECK, 2015).

Percebemos, a partir dos relatos apresentados, que os/as jovens militantes portavam discursos de liberdade e democracia, e viam na participação política um

instrumento para transformação da realidade. Todos os atos e esforços empreendido pelos entrevistados, bem como as entidades por eles citados, nos remetem ao que talvez melhor descreva os Sujeitos militantes desse período emblemático para a história político-cultural e social do Brasil, o conceito freiriano de Autonomia, ela está em reconhecer a dependência inerente ao Ser e, a partir desse reconhecimento, torna-se possível ver o outro como o outro, e não como um espelho. A autonomia é um ato de humanização em resposta à política neoliberal, que procura esvaziar o ser. Para alcançar a autonomia é preciso tomar decisões e, ao tomá-las e enfrentá-las, estará os Sujeitos adquirindo experiências próprias e se tornando autônomos. Nessa tomada de conscientização freiriana, o sujeito compreende o seu papel e faz parte ativa da luta por transformações no processo histórico. Mas para se tornar um transformador, é preciso perceber a realidade, na qual faz parte, como mutável.

CONSIDERAÇÕES

Fica claro que se trata de um Movimento anti-sistêmico que, em meio a luta pelo Grêmio Livre, expressava a sua maior bandeira: a Liberdade. O que coloca como opositores do grupo, não um indivíduo em específico, mas o discurso autoritário que fazia parte da política do período histórico em questão. Isso coloca os Secundaristas no campo progressista. E, apesar dos atos se concentrarem na zona Urbana (Centro Administrativo), muitos de seus integrantes vieram do interior. Conforme foi fundamentada esta pesquisa, para ser considerado como Movimento Social é preciso fazer parte de um grupo de pessoas com interesses em comum que geram as ações, partindo de uma mesma realidade. Isso fica claro com os perfis dos entrevistados, todos participavam do movimento como estudantes, e se identificavam como tal. Muitos deles continuaram a participar politicamente, em partidos, em movimentos e até assumiram cargos no governo.

A história de reestruturação da UMES é parte importante do processo de redemocratização, pois se trata de um movimento que foi amplamente combatido pelas forças do Estado, atuou clandestinamente, e ainda assim conseguiu reunir secundaristas pela sua reorganização. O Movimento esteve ligado partidariamente à esquerda, sobretudo com ideologia comunista, como podemos ver que alguns grupos levavam o nome de Marx, ou estavam ligados ao PCB e PCdoB. E, embora projetasse um todo homogêneo, nos discursos de Liberdade e melhores condições de ensino, internamente se dispuseram de conflitos que levaram ao surgimento de inúmeros grupos com suas particularidades, o que poderia significar a falta de união e a dissolução do Movimento. Mas na verdade revelou-se uma riqueza, a pluralidade de ideias, culminando na fundação de entidades.

Esses movimentos são difíceis de serem estruturados, pois questionam a própria ideia de estrutura. Mas definimos dois estágios para o Movimento, primeiro se iniciou de forma informal, com as reuniões convocadas pelos próprios estudantes, que se organizaram e, com o tempo, se tornou formal, com o surgimento de diferentes grupos, e até mesmo passaram a se organizar em cargos, divisão de tarefas etc.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. **O campo da história**: considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 230-239.

BRINGEL, Breno M.; GOHN, M. Da Glória. **Movimentos Sociais na Era Global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOHN, M. da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MÜLLER, Angélica. **No caminho à democracia**: o processo de reconstrução da União Nacional dos Estudantes. *Dimensões*, v.32, p. 128-147, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). volume 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES - UNE. **MEMÓRIA**. Disponível em: <https://www.une.org.br/memoria/>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

1. Um termo com: me apresentando com nome, orientadora, título do trabalho e objetivos; compromisso com reserva dos dados, destacando a proteção destes;
2. Sobre os entrevistados atualmente (nome, idade, onde nasceram, onde moram atualmente? Quem eles eram quando militava: idade; colégio, era público ou privado; fez algum curso, trajetória enquanto estudantes; como ingressou no movimento estudantil; quais foram os principais apoios que tiveram, família ou amigos; período de atuação no movimento secundarista; como desenvolveu sua participação na política institucional, atividades políticas;
3. A experiência no movimento secundarista da época (FREMES e reorganização da UMES). Quais cargos ocuparam nos grupos e nas entidades (GLO, GRUMALO, FREMES, UMES); principais ações que participou; participação em outros movimentos; convivência com infiltrados, em caso afirmativo, como encarou a situação;
4. Relação com o movimento estudantil atual. Tem opinião sobre o movimento estudantil atual em geral.

APÊNDICE B - Ordem cronológica

1978 - A primeira reunião de secundaristas ocorreu no segundo semestre do ano, deu origem a FREMES;

1979 - As reuniões se tornaram mais frequentes a partir do primeiro semestre do ano;

- Congresso em Salvador, reuniu diversas frentes do Movimento de vários estados, convocou o primeiro Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas;

- 1º ENES, em Belo Horizonte-MG, com o objetivo de reorganizar as UBES;

- Virgílio Alencar entrou para o Movimento Secundarista no segundo semestre do ano, logo após a volta dos participantes do 1º ENES;

- Destruição do Castelinho

- Fundação do Primeiro Grêmio Livre de Goiânia, no Colégio Aplicação;

1980 - Fundação do Grêmio Livre Marco Antonio Dias Batista, no Colégio Carlos Chagas, em 1980;

- Fundação do Grêmio Livre do Colégio Lyceu;

- Gestão da Maria Luiza Amora, no Colégio Lyceu e na UMES Goiânia;

- Gestão de Itamar, no Colégio Lyceu;

- Gestão de Daniel, Colégio Estadual Presidente Costa e Silva (COLU);

- A construção de entidade secundarista no município de Catalão;

- A construção de entidade secundarista no município de Anápolis;

- A construção de entidade secundarista no município de Araguaína;

1981 - Fundação da UBES;

- Fundação do Grêmio Livre no Colégio Professor Pardal;

- Fundação do Grêmio Livre na Escola Municipal Mônica de Castro Carneiro, no Jardim Novo Mundo;

- Fundação do Grêmio Livre no Colégio São Domingos, no Setor Coimbra;

- Fundação do Grêmio Livre da Faculdade Anhanguera;

- Participação na ocupação do Jardim Nova Esperança, pedindo doações de casa em casa;

APÊNDICE C - Nomes lembrados na reconstrução dessa história

- Amarildo, do Jardim América;
- Cartesines;
- Castro;
- Célia Regina;
- Daniel, presidente da UMES;
- Edmundo;
- Eliéser;
- Fábio Tokarski;
- “Gilsin” presidente do Grêmio da Faculdade Anhanguera, morreu advogado;
- Grafite, participante do DCE, que era do Movimento do Jornal Vs;
- João de Deus;
- Jordaci;
- Lilian;
- Marco Antonio Dias Batista;
- Marcos Papa;
- Maria Luiza Amora;
- Miriam, presidente do Centro Cívico do Colégio Mônica de Castro Carneiro;
- Marina;
- Regina Célia;
- Renato;
- Roselane;
- Rosemeire;
- Sandro de Lima;
- Santa Cruz;
- Silvana;
- Paulinho HGB;
- Pasquim, que falava sobre a guerrilha do Araguaia;
- Pedro Célio.

APÊNDICE D - Locais lembrados na reconstrução dessa história

- Anápolis, fundação de entidade;
- Aragarça, fundação de entidade;
- Avenida Goiás, pichação;
- Belo Horizonte, primeira reunião de Secundaristas;
- Castelinho, Lago das Rosas, encontros e primeiro ato;
- Catalão, fundação de entidade;
- DCE da Federal, reuniões;
- Jardim Nova Esperança.
- Jardim Novo Mundo, Movimento Comunitário pela Ocupação;
- São Luis de Montes Belos, fundação de entidade;
- Setor Coimbra;
- Uruaçu, fundação de entidade.

APÊNDICE E - Colégios lembrados na reconstrução dessa história

- Colégio Carlos Chagas;
- Escola Municipal Mônica de Castro Carneiro, no Jardim Novo Mundo;
- Colégio São Domingos;
- Colégio Aplicação.

APÊNDICE F - Sobre os entrevistados

Delcimar Pires Martins, nasceu em Iporá, interior de Goiás. Começou a participar do Movimento com seus 13-14 anos, por influência dos seus três irmãos mais velhos que já estavam na faculdade, e levavam os debates para dentro de casa, dentre eles o movimento de luta pela anistia, ele relata que, por algum motivo, esses assuntos não chamaram a atenção de seu 4º irmão e 5ª irmã, mas que aqueles assuntos “batiam” de um jeito legal para ele. Chegou a frequentar reuniões, levado pelos irmãos, escondido de seu pai e mãe. Entrou para o movimento, quando estavam lutando pela reconstrução da UMES Goiânia. Foi vice-presidente do Grêmio do Colégio Carlos Chagas, enquanto Virgílio era o presidente. Um ano depois se tornou presidente da UMES Goiânia, logo após Maria Luiza Amora. Depois foi vice-presidente da UBES Centro-Oeste. Ele conta que andava muito pelos estados da região, e representava a entidade em Brasília. Participou durante anos à frente dessas entidades, sendo representante a nível nacional. Trabalhou no governo Lula e Dilma.

Deocleciano Gomes Filho, atualmente mora no estado do Tocantins, onde é procurador do estado, e também participou da elaboração do curso de direito, que foi professor e coordenador. Também é presidente do Conselho Nacional dos Direitos Humanos. Ele diz que manteve a mesma visão do período de militância. Hoje faz parte do PV, mas diz que admira a estratégia do PCdoB, da qual **Virgílio** faz parte.

Iraci, estudou no Colégio Carlos Chagas e participou na luta pela reconstrução da FREMES. Saiu do movimento em 1980, quando ingressou no movimento universitário. Atualmente, exerce a profissão de advogada.

Itamar Antônio José, nasceu em Mossâmedes, cidade de Goiás, atualmente, mora em Curitiba, onde é empresário. Começou a participar do Movimento Secundarista a partir do Colégio Lyceu, onde estudava, em 1979-1980, com seus 18-19 anos. Em 1984 saiu do Movimento Secundarista, e em 1986 parou com atividades políticas, decidiu parar de estudar para “ganhar dinheiro”. Dentro do

Movimento, atuou como diretor de imprensa e divulgação da UMES Goiânia. Fala que os anos de militância definiu a sua personalidade até os dias atuais.

Paulo César de Souza, nasceu em Rancharia, cidade de São Paulo, atualmente mora em Goiânia, onde é funcionário público e, também, foi professor do Colégio Pedro Gomes. Começou a participar do Movimento Secundarista em 1979, como aluno do Colégio Lyceu, convidado por Edmundo Galdino. Dentro do Movimento atuou na base, no início da FRAMES. Saiu em 1980, após entrar para a universidade, onde participou de grupos ligados ao PCdoB e PT, mas atualmente não participa de nenhum grupo e não tem filiação.

Silvana de Freitas, nasceu em Porangatu, interior de Goiás, atualmente mora em São Paulo. Participou do Movimento entre os anos de 1979-1981, com seus 16 anos na época. Conta que ficou sabendo da reorganização da UNE, quando houve o Congresso em Salvador. Ela se identificou com o discurso do Movimento. Integrou a diretoria do Comitê Goiano pela Anistia, representando os secundaristas. Quando passou no vestibular em Brasília, saiu do Movimento e parou com as atividades políticas. Fez jornalismo, trabalhou com assessoria de imprensa e atualmente é servidora pública do estado onde mora;

Virgílio Alencar, Nasceu em Conceição do Araguaia, Pará, atualmente mora em Goiânia. Começou a participar da FREMES em 1979, quando os secundaristas estavam voltando da primeira reunião nacional de estudantes secundaristas, em Belo Horizonte. Saiu do Movimento Secundarista em 1985, quando entrou para a Universidade. Neste período em que esteve no Movimento, ajudou a fundar o Grêmio Livre Marco Antonio Dias Batista, no Colégio Carlos Chagas, se tornando presidente do mesmo. Atualmente, trabalha com produção cultural, mas já trabalhou no Ministério da Cultura, durante a gestão de Gilberto Gil e, também, trabalhou na Secretaria de Cultura de Goiânia, sobre a gestão de Sandro de Lima. Antes trabalhava com um grupo de teatro chamado Canápolis. Em relação a sua participação na política após o Movimento Secundarista, atualmente é filiado ao PCdoB.

APÊNDICE G - Anexo do termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO - PODER, ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANIENSE (1979-1985)

Primeiramente, nossos agradecimentos por participar da pesquisa e, assim, contribuir para a ciência brasileira. Não podemos oferecer recompensas financeiras por motivos legais. O nosso muitíssimo obrigado!

Nome do Pesquisador:
Daniel Monteiro, Graduando em História

Nome da Orientadora:
Lucia Rincon, Doutora e Professora em Educação

1. A presente pesquisa é apresentada como requisito obrigatório para conclusão de curso de Licenciatura em História da PUC Goiás. O objetivo é capturar o poder, a atuação e a articulação expressas no Movimento Secundarista, na luta pela reorganização das entidades estudantis goianiense, após 1979;
2. Participam desta pesquisa os Sujeitos que fizeram parte do Movimento Secundarista na luta pela reorganização das entidades, após 1979;
3. Ao participar deste estudo o Sr. (ª) permitirá que os pesquisadores façam a coleta de dados através das entrevistas concedidas;
4. Garantimos a Integridade, bem como, a privacidade e o respeito aos dados concedidos;
5. Ao aceitar o termo, estará concordando em participar da pesquisa, ciente dos pontos aqui acordados.

Daniel Monteiro Silva Jesus - +55 (62) 9 9553-8645
Lucia Rincon - +55 (62) 9 8436-2292

 danie尔蒙telrosj@gmail.com (não compartilhado)
[Alternar conta](#)  Rescuinho restaurado.

***Obrigatório**

Tendo em vista os 5 (cinco) itens acima, apresentados de forma livre e esclarecida. O (a) senhor(a) manifesta seu consentimento para participar da pesquisa? *

Aceito todos os termos

Nome completo *

Sua resposta _____

Enviar Limpar formulário

Fonte: Produzido pelo pesquisador.